



# MEMÓRIAS DE CAROLINA: REVISÃO HISTÓRICA E CONTESTAÇÃO POLÍTICA EM *DIÁRIO DE BITITA* (1982/86)

CAROLINA'S MEMORIES: HISTORICAL REVIEW AND POLITICAL CLAIM IN *BITITA'S DIARY* (1982/86)

Teresa Espallargas\*

\* [teresa.espallargas@uga.edu](mailto:teresa.espallargas@uga.edu)  
Mestranda e professora assistente na Universidade da Geórgia, EUA.

**RESUMO:** A escritora mineira Carolina Maria de Jesus é reconhecida por seu trabalho autobiográfico, sobretudo, na obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, que a colocou no circuito literário paulistano e brasileiro na década de 60. O gênero percorreu a carreira da autora até seu último livro, publicado postumamente em 1982 na França e 1986 no Brasil, intitulado *Diário de Bitita*. Bitita era o apelido de infância de CMJ e é a ela que pertence este diário. O foco do presente artigo é, pois, na análise desta obra escrita durante os anos finais de vida da autora, com intuito de revelar que além do evidente uso das escritas de si, esta narrativa transpõe o universo da experiência pessoal e, ao estilo Guattari e Deleuze de “literatura menor”, mistura presente e passado, história, meta-memória e literatura a fim de questionar a conservação do sistema político e da condição da população negra no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carolina Maria de Jesus; diário; meta-memória; literatura menor.

**ABSTRACT:** The well-known writer Carolina Maria de Jesus is recognized for her autobiographical writing, especially in her work *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria De Jesus* that put her on the São Paulo and Brazilian literary circuit. The genre is present through the author's entire career including her last book, published posthumously in 1982, in France, and 1986 in Brazil, entitled *Bitita's Diary*. Bitita was the childhood nickname of De Jesus and this diary belongs to her. The focus of this article is, therefore, on the analysis of this work written during the author's final years of life with the aim of revealing that in addition to the evident use of self-writing, this narrative goes further and in the Guattari and Deleuze's style of “minor literature”, it mixes present and past, history, meta-memory and literature in order to question the maintenance of the political system and the situation of the black community in Brazil.

**KEYWORDS:** Carolina Maria de Jesus; diary; meta-memory; minor literature.

1. Ver Foucault, 2004.

Carolina Maria de Jesus é notadamente um dos nomes mais importantes das “escritas de si”<sup>1</sup>, narrativas personalizadas—muitas vezes com traços ficcionais—, que têm povoado cada vez mais as páginas de livros da literatura contemporânea brasileira. A autora é conhecida por sua trilogia autobiográfica (PEREIRA, 2019, p.3), a qual remonta nas páginas de *Quarto de Despejo* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961) e *Diário de Bitita* (1982/86) a história de uma vida. A publicação dos livros, no entanto, não acompanha a cronologia da trajetória de Carolina, uma vez que ela foi revelada quando adulta pelo lançamento em 1960 do renomado *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, no qual conta seu cotidiano na favela do Canindé em São Paulo. O livro, editado pelo jornalista Aurélio Dantas, é entendido como componente da literatura de denúncia característica do período.

Após o *best-seller*, que vendeu só na primeira edição 30 mil exemplares (Literafro), e a melhora de suas condições de vida, CMJ mudou da periferia da capital paulista para uma casa de alvenaria, sobre a qual conta em seu livro homônimo, o segundo da trilogia, cujo subtítulo é justamente “diário de uma ex-favelada”. *Diário de Bitita*, por sua vez, foi escrito por Carolina já mais velha, época em que era novamente pobre e morava em um sítio em Parelheiros. No entanto, a obra publicada postumamente em 1986 versa sobre a infância da escritora.

Apesar de seu título, *Diário de Bitita* distingue-se de *Quarto de Despejo* na medida em que figura mais como uma obra

memorialística do que um registro cotidiano, tendo em vista que no livro há uma Carolina lembrando seu passado, como antecipado pela leitura do nome “Bitita”, apelido de criança da escritora. Compreende-se que o livro fora escrito durante os anos finais da vida da autora, falecida em 1977, e publicado primeiramente na França em 1982, após o contato com jornalistas franceses que visitaram sua residência, e em 1986 no Brasil.

Outro marco distintivo da última obra autobiográfica de CMJ é que na leitura das memórias nota-se uma voz mais madura e mais crítica da autora. Porém, igualmente representativa de uma população excluída da corrida brasileira pelo progresso ocorrida durante o século XIX e XX, a qual ainda hoje surte efeitos. É dizer, *Diário de Bitita*, como *Quarto de Despejo*, fala sobre e com uma parte da sociedade que viu as promessas de mudanças socioeconômicas desaparecerem, como ocorreu com Carolina e sua obra nos anos posteriores à divulgação e sucesso de seu primeiro livro.

Hoje, entretanto, a autora é frequentemente estudada na Academia nacional e internacionalmente e as análises de suas produções literárias contribuem cada vez mais para a compreensão de seu legado para a literatura brasileira. Deste modo, este trabalho insere-se em um vasto campo de estudos já realizados em relação a obra carolineana, os quais abordam também *Diário de Bitita*, como aqueles de Meihy e Levine

(1994;1998). Porém, com a proposta específica de analisar o livro destacando a relação que há entre presente e passado no diário, com ênfase no uso da meta-memória como recurso narrativo (CANDAU, 2012), a fim de demonstrar que suas “escritas de si” transpõe o universo da experiência pessoal e funcionam como revisão histórica e ferramenta de resistência política. Neste escopo, propõe-se, então, entender o uso da voz de Bitita como veículo para a elaboração de uma crítica social atual, contemporânea à escritora.

A partir de três dos vinte e dois capítulos da obra, “Ser pobre”, “Um pouco de história” e “A revolução”, escolhidos por remontarem mais abertamente eventos da história brasileira em paralelo com o de Bitita, tentarei demonstrar que a literatura de Carolina Maria de Jesus em seu diário não é privada, pelo contrário. Ao reinventar o passado, seus escritos tornam-se um texto resistente (SOMMER, 1994), na medida em que desenvolvem sua própria linguagem e questionam a conservação do sistema político brasileiro, racista e patriarcal. Neste sentido, entende-se a produção da escritora como uma “literatura menor”, não na concepção reducionista que a compreende apenas como apoio às pretensões denunciativas da época em que foi descoberta, mas no sentido cunhado por Guattari e Deleuze<sup>2</sup>.

Para tanto, discutirei primeiramente a escolha pelo gênero diário e a subversão promovida por CMJ que destaca

a unicidade da sua escrita literária, trazendo trechos dos textos escolhidos para convidar o leitor à reflexão e situá-lo no contexto histórico e pessoal da autora, bem como do gênero das escritas de si e da memória. A partir da análise da linguagem, personagens e narrativa presentes nestas passagens, discutirei, por fim, o papel social que têm os escritos e questionamentos de Carolina Maria de Jesus.

### O PASSADO PRESENTE

Apreciadores da obra da escritora mineira Carolina Maria de Jesus, nascida em 1914 na cidade de Sacramento, Minas Gerais, não se surpreendem com a escolha da palavra “diário” na capa de mais um de seus livros. No entanto, *Diário de Bitita* surpreende pelo marco temporal do texto: ele é situado no passado.

Logo no índice, vemos pelos nomes dos capítulos “Infância”, “A família”, “A escola” e “A fazenda”, que a temática da obra gira em torno de experiências de criança e adolescente da escritora, período no qual era conhecida por Bitita. Sendo assim, sabemos de antemão que, entre outros assuntos, serão abordadas suas relações familiares, sua vivência no campo e na cidade e sua breve vida escolar. Mas, já em uma primeira leitura, será possível perceber que o que é dito trespassa as meras reflexões sobre a experiência particular de uma escritora que retorna à condição de criança para narrar.

2. As três categorias da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação. O mesmo será dizer que “menor”, já não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama grande (ou estabelecida). (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p.41-42 apud IONTA, 2011, p.91)

Quanto à narrativa em si, interessante é observar que o estilo diverge significativamente daquele usado em *Quarto de Despejo* (1960) e *Casa de Alvenaria* (1961), resultando inclusive em distintas interpretações do gênero literário da obra entendida por vezes como ensaio (PEREIRA, 2019), por outras como romance (MIRANDA, 2019, p.183). Entretanto, há no livro características marcantes e incontestáveis do gênero diário, as quais foram, por sua vez, subvertidas por Carolina Maria de Jesus.

Segundo Phillipe Lejeune (2008), o diário “apresenta algumas características muito próprias, como o uso da data, a despreocupação com a linguagem e o caráter intimista, por se tratar de um texto pessoal e, geralmente, sem interesse em torná-lo público (PEREIRA; SILVA, 2015, p.283). Em *Diário de Bitita*, ainda que não haja datas precisas no topo das páginas como aquelas de *Quarto de Despejo*, a autora situa bastante o leitor no tempo e no espaço. Neste aspecto, o livro cumpre as determinações de Lejeune (2008) quanto a datação, a qual “pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas [...] é imprescindível. Com a data, o diarista estabelece uma entrada para a escrituração do texto e recorta um determinado tempo de sua vida” (PEREIRA; SILVA, 2015, p.270). O texto também traz outros elementos intrínsecos ao gênero, tais como a temática da escrita de si, o uso da primeira pessoa e a temporalidade assíncrona (PIMENTEL, 2011). Além disso, o fluxo de consciência, os cortes abruptos e a mistura

de tópicos em uma mesma página remontam novamente ao gênero diário, responsável pela revelação da autora na década de 60.

A parte das características estilísticas, a obra de CMJ também cumpre as funções do diário pessoal elencadas por Lejeune (2008, p.275): expressão, reflexão, memória e prazer de escrever. No entanto, ao contrário do que prevê o estudioso, o texto em questão não se restringe ao universo privado, seja por seu conteúdo ou pelo próprio ato de publicar *Diário de Bitita*. É justamente neste ponto que se faz interessante a opção pela denominação “diário” no lugar de “memória”, “recordações”, “lembranças” e afins, ou mesmo do título original “Um Brasil para brasileiros”<sup>3</sup>, frase que é evocada constantemente na obra e que faz parte da mensagem de resistência do livro.

Neste sentido, poderíamos dizer que a literatura da autora mineira se insere no que a também mineira Conceição Evaristo chama de “escrivência”, uma “escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo” (Ocupação Conceição Evaristo). Especificamente neste livro, a escrivência de Carolina é apresentada ao leitor na forma de um diário pessoal destinado a ser público, na intenção de revelar a condição—histórica—da população afrodescendente no Brasil, com especial atenção para a situação do sujeito feminino negro.

3. Ver Fernandez, 2014.

A voz narrativa é, portanto, central na leitura de *Diário de Bitita*. De acordo com o próprio título, ela pertence a menina Bitita. Quando se lê, por exemplo, nas primeiras linhas do capítulo “Ser pobre”: “Minha mãe me espancava todos os dias. Quando eu não apanhava sentia falta. Então compreendi que o vovô era meu defensor,” (JESUS, 1986, p.25) o leitor é levado a pensar que quem fala é Carolina enquanto garota, a partir da ilusão de presente que se tem com o verbo “compreendi”. Todavia, se analisarmos a escolha do pretérito imperfeito na passagem, sabemos que se trata de uma constatação que pode ser tanto de Bitita, quanto de Carolina enquanto escreve. Há, então, uma meta-recordação, ou meta-memória, que é traço marcante e recorrente da obra em questão.

Bastante utilizado na área de Psicologia Social,

“[o] termo meta-memória originalmente foi cunhado para se referir ao conhecimento objetivo de um indivíduo sobre os processos da memória, como por exemplo, o grau de dificuldade de uma determinada tarefa ou quais as estratégias apropriadas para realizá-la (Flavell, 1971; Flavell & Wellman, 1977). Entretanto, esta definição mostrou-se limitada para o estudo do envelhecimento cognitivo, e atualmente o conceito de meta-memória inclui diversos aspectos, tais como: a) o conhecimento sobre os processos da memória (Ex.: quais tarefas de memória são fáceis e quais são difíceis); b) o monitoramento

da memória (Ex.: a capacidade de uma pessoa avaliar se já estudou o suficiente para uma prova); c) sentimentos e emoções sobre a memória; e d) a autoeficácia para memória, que poderia ser definida como o grau de certeza de um indivíduo sobre sua capacidade de realizar uma tarefa envolvendo memória. (YASSUDA et al., 2005, p.79)

Tomando como base a obra de CMJ, estes aspectos, se aplicados ao campo de estudos literários, restringem-se talvez apenas a terceira concepção: “sentimentos e emoções sobre a memória”, os quais, inclusive, apesar de narrados por Bitita, não pertencem única e exclusivamente ao universo infanto-juvenil de Carolina.

A definição adotada pela Neurociência também contribui para o entendimento do exercício enunciativo que pratica a escritora. De acordo com a professora Erika Infante Baz, meta-memória é “a memória se debruçando sobre a memória. É o indivíduo memorizando sobre a memória” (BAZ, s/d apud DUSILEK, 2013, p.29). Considerando que a autora escrevia nos seus últimos anos de vida e que ela optou justamente por narrar enquanto Bitita, sua obra é senão uma memorização sobre sua própria memória. Há ainda uma ficcionalização das suas recordações, na linha do que define o antropólogo francês Joël Candau. Para ele, a meta-memória é “por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz

dela, dimensões que remetem ao ‘modo de afiliação de um indivíduo a seu passado’ (CANDAUI, 2012, p.23 apud DUSILEK, 2013, p.30). O próprio fato de CMJ ter escolhido lembrar o começo de sua vida na pele e voz de Bitita, que aparece por vezes em aspas, outras sem indicação explícita no texto, exemplifica essa definição dada por Candau. Isto é, o livro em si é a representação memorialística indicativa, neste caso, de uma relação intrínseca da escritora com o seu passado.

Ademais, ocorre no livro um nível mais profundo de meta-memória, que vai além da mera atividade de usar a memória para lembrar ou mesmo representar sua história: a inseparabilidade, enquanto indivíduo—já que se trata aqui de uma maneira ou de outra de uma autobiografia—, das memórias de criança e de adulto. Quando crescemos nossas memórias são o conjunto de recordações que construímos desde a infância, portanto, pertencentes a duas épocas simultaneamente. A escolha da escritora por falar como Bitita automaticamente revela essa memória dupla, co-construída e “re-recordada”: uma meta-memória.

No entanto, tal leitura é muito sutil na obra, sobretudo, porque em sua maioria está nítido que quem fala é Carolina já madura, como no trecho do capítulo “Um pouco de história”, em que comenta as promessas do político Artur Bernardes, presidente do Brasil de 1922 a 1926: “Ele prometeu ao povo que ia criar leis trabalhistas. Dizem que chegou

a escrevê-las. Não as divulgou por causa da oposição da imprensa. Dizem que a lei que ele idealizou é diferente da atual” (JESUS, 1986, p.46, grifo meu). A voz de Bitita, então, aparece nas aspas em que a escritora coloca quando diz coisas que pensava sobre a época, como em: “Tinha uma negrinha Isolina que sabia ler. Era solicitada para ler as receitas. Eu tinha uma inveja da Lina! E pensava: ‘Ah! Eu também vou aprender a ler se Deus quiser! Se ela é preta e aprendeu, por que é que eu não hei de aprender?’”<sup>4</sup>.

Porém, a interpretação muda quando encontramos passagens em que não fica exatamente claro quem fala, quem narra, quem pensa e quem recorda, também em “Um pouco de história”:

Eu pensava: “Se a guerra não traz benefícios para os homens, então por que é que eles fazem as guerras? Será que os homens gostam deles? Não devem gostar, porque eles exterminam-se mutuamente. É a época em que a mente do homem metamorfoseia-se. Ele deixa de ser humano para transformar-se em animal. Será que eles não se comovem com o sangue dos seus semelhantes? E os que ficam aleijados? E os homens dizem que são os donos do mundo. Que são superiores. Vivem endeusando-se! E os homens consideram-se civilizados.”<sup>5</sup>

Nesta passagem, por mais que o pensamento esteja entre aspas, o que indicaria dentro do livro que é um registro da

4. Ibidem, p.42.

5. Ibidem, p.43-44.

voz de Bitita, há uma intersecção entre ela e Carolina que escreve já velha. O inverso também ocorre. No trecho “[p]ara mim o mundo era semelhante a uma prateleira cheia de garrafas onde é difícil arranjar um lugar para colocar outras”<sup>6</sup>, é a vez da reflexão da criança invadir a voz da adulta que narra. Essa dupla dimensão, ou meta-memória, é constante e persistente ao longo de todo o livro.

Sendo assim, a opção feita por “Diário de Bitita”, isto é, por contar sobre o passado colocando-se nele presentemente, indica que há um paralelo entre a atualidade e a infância sendo revisitada pela escritora, que vai além da óbvia continuidade de uma história de vida. Vejamos o seguinte trecho, pertencente ao capítulo “Ser pobre”, no qual Bitita, ou Carolina—já que é difícil precisar—recorda sobre a vida das empregadas e cozinheiras:

A patroa era tratada como se fosse uma santa no altar. Se as patroas estivessem nervosas, as empregadas deveriam dizer:

– Sim senhora!

Se estivessem amáveis tinham que dizer:

– Sim senhora!

O homem pobre deveria gerar, nascer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as filáucias dos donos do mun-

do. Porque só os homens ricos é que podiam dizer “Sabe com quem você está falando?” para mostrar sua superioridade.

Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mar. (JESUS, 1986, p.34)

Na passagem, podemos perceber que a reflexão contada pertence tanto ao universo infantil, de uma menina que viu sua mãe trabalhar como doméstica, quanto de uma mulher, que também enfrentou situações opressivas quando mais madura, as quais podemos ter acesso inclusive no próprio capítulo “Ser cozinheira”, o último de *Diário de Bitita*. A meta-recordação também aparece aqui sobretudo pelo uso dos verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito, muito pelo fato de que estes tempos brincam justamente com a relação passado-presente que permeia todo o livro de CMJ. A escolha do tempo verbal, portanto, contribui para a ambiguidade na leitura da narrativa, a qual não sabemos ser intencional ou acidental, principalmente pela impossibilidade da separação de uma memória passada e outra presente. No fim, elas sempre acabam coincidindo no

6. Ibidem, p.49.

momento atual, neste caso, na escrita madura de Carolina, mas que ainda assim ecoa a voz da garota Bitita.

Nota-se também no trecho um tom irônico e crítico responsável por retratar a perspectiva contestadora da autora diante do machismo e da violência de gênero, situações que infelizmente eram realidade em ambos os universos. Isto é, ainda que a escritora possa ter vivido experiências de opressão quando criança, o entendimento crítico da situação, logo, o claro posicionamento em defesa do feminino, advém certamente de uma maturidade e de um contexto político mais similar ao da década de 80, em meio a ditadura militar brasileira, no qual a autora desenvolveu *Diário de Bitita*.

Além da opressão de gênero, “Ser pobre” também destaca questões de classe e de raça, intersecções estas já muito bem debatidas por Angela Davis (2016). Parece, então, que há no livro uma conjunção da experiência pessoal com a consciência social, indicando que a escrita do sujeito funciona como porta-voz de minorias e como ferramenta de resistência ao racismo sistêmico e a sociedade patriarcal brasileira. É dizer, como comentário crítico da realidade histórica, que acaba por se refletir também na relação da meta-memória e da identidade da qual fala Candau em seu livro *Memória e Identidade* (2012). Para ele, a meta-memória é “a construção explícita da identidade” [, sendo assim uma] “memória reivindicada, ostensiva” (p.23 apud DUSELIK, 2013, p.30). Além

disso, ele defende que “[p]ela retrospectão o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar sua vida presente” (p.15 apud DUSELIK, 2013, p.30). É justamente isso que a autora faz ao escrever *Diário de Bitita*: uma retrospectão com intuito de comentar, e mais, sobreviver a sua vida atual, que muito se assemelha àquela de quando era criança.

Os embates de gênero, raça e classe, bem como a o recurso da meta-memória também podem ser vistos em “Um pouco de história”. Nele, a autora começa por comentar a malsucedida revolta, intitulada “revolução,” proposta por Isidoro Dias Lopes diante do governo de Artur Bernardes, para falar posteriormente sobre o curioso sucesso de Bernardes entre os pobres. Ao longo do texto, a escritora menciona e discute sobre outros eventos da história brasileira, tal como a chegada dos imigrantes europeus na década de 20, em decorrência da Primeira Guerra Mundial. Figuras como Rui Barbosa, Castro Alves, José do Patrocínio, entre outros, também ocupam a recordação de Carolina, cujo foco maior é a educação da população negra, como no trecho:

[...] Em 1922, o Brasil já havia sido descoberto há 422 anos. E o povo dizia:

– Povo atrasado.

Não era o país, eram seus habitantes que não tinham condições para instruírem-se.

Perguntei à minha mãe:

– Por que é que o mundo é tão confuso?

Respondeu-me:

– O mundo é uma casa que pertence a diversos donos, se um varre, vem o outro e suja-a.

Mas é assim mesmo. O homem só dá valor ao homem depois que morre. Se os homens governam o mundo, ele nunca está bom para o povo viver, por que não deixar as mulheres governarem? As mulheres não fariam guerras porque elas são as mães dos homens. Mas os homens são os pais dos homens, fazem guerras, e matam-se.

Minha mãe me disse que não ia deixar eu ouvir as leituras do senhor Manoel Nogueira, que eu estava ficando louca. Aconselhou-me a ir brincar de bonecas. Fui brincar. Não senti atração. Não me emocionei. Não poderia viver tranquila neste mundo, que é semelhante a uma casa em desordem. Oh! se me fosse possível lutar para deixá-lo em ordem!

Eu via as pessoas morrerem e pensava “Que vantagem tem o homem de nascer se quando ele aprende a viver no mundo, já está velho e morre?”

Eu observava as ações dos homens. Os pretos bebiam pinga à vontade. Quando nascia uma criança, eles bebiam porque estavam contentes. Mas aquela criança que nascia ia viver igual a eles quando crescesse [...] (JESUS, 1986, p.50-51).

Como dito, por tratar-se de uma memória, ou melhor, uma meta-memória, é difícil afirmar até que ponto ela não está contaminada pelo presente no qual o texto é escrito. Há diversas partes no livro e na própria passagem que não reconhecemos direito a quem pertence o questionamento ou pensamento registrado. Neste trecho, é possível perceber, por exemplo, que a voz narrativa questiona o papel dos homens na liderança política do Brasil e do mundo, questionamento este que dificilmente faria uma criança daquela época e que ressalta novamente uma defesa do feminino, como na frase “[a]s mulheres não fariam guerras porque elas são as mães dos homens”<sup>7</sup>. A própria menção ao desinteresse com o brincar de bonecas, devido à preocupação maior com os problemas do mundo, reforça esta interpretação e inclusive relembra o lema do feminismo dos anos 70, advindo do ensaio homônimo da feminista americana Carol Hanisch: *the personal is political*.

7. Ibidem, p.50.

8. Ibidem, p.51.

Similarmente, a autora diz que se perguntava “Que vantagem tem o homem de nascer quando ele aprende a viver no mundo, já está velho e morre?”<sup>8</sup>. Considerando que o comentário está entre aspas, o que marcaria a voz de criança no texto, e que na época do governo de Bernardes, Carolina Maria de Jesus tinha por volta de 10 anos, como ela já teria aprendido como viver no mundo a ponto de questionar-se sobre a efemeridade da vida e a impossibilidade de aproveitá-la com consciência?

Neste sentido, percebe-se que as indagações da narradora à mãe e a ela própria são questões que muito provavelmente fazem parte dos questionamentos da época em que o livro foi escrito e não do passado remoto e pessoal da escritora, muito também pela distância que se apresenta o texto da lembrança narrada. Sendo assim, podemos perceber que a escritora faz uso do gênero memorialístico para fazer um comentário social. Este, por sua vez, pertence tanto ao passado quanto ao presente da escritora, considerando o que ela mesmo diz sobre a herança, digamos, deixada de um pai para um filho que acaba de nascer na frase “[m]as aquela criança que nascia ia viver igual a eles quando crescesse” (JESUS, 1986, p.51), o que explicaria muito da utilização das escritas pessoais para falar sobre um problema social maior tal como o racismo estrutural.

Vejam o capítulo “A revolução”, no qual se discute sobre a ascensão ao poder de Getúlio Vargas, cujo governo é tema

de diversos textos carolineanos, não só neste livro. Nele CMJ escreve: “os homens, quando se reuniam, falavam no Getúlio. Que era o pai dos pobres. E eu comecei a gostar do Getúlio e pensava: ‘será este político que vai preparar um Brasil para os brasileiros?’” (JESUS, 1986, p.158), mostrando a esperança diante do presidente, que se desfez com o tempo e logo nas próximas linhas:

Eu pensava: “Por que será que nas cidades pequenas não se sente o efeito de uma política? Se eles fazem tantos progressos nas capitais, poderiam fazer no interior, e o homem não necessitaria locomover-se de um estado para o outro.” Mas minha cidade continuava no mesmo estilo. Eu olhava a cidade e pensava: “Pobre Sacramento, é semelhante a um bolo em que não puseram fermento, não cresce.”

O senhor Manoel Nogueira dizia:

– Agora o Brasil vai deixar de ser um país atrasado. As revoluções sempre auxiliam o país. O povo deveria fazer uma revolta era pra colocar Rui Barbosa no Catete.

Aquelas explicações do senhor Manoel Nogueira não mais me entusiasmavam. Quando eu era menina, pensava que tudo o que ele dizia ia realizar-se. Agora já estava compreendendo que, entra governo, sai governo, o pobre continua pobre. Os sonhos de melhores dias não eram para nós. (JESUS, 1986, p.158-159)

Neste trecho, como no de “Ser pobre” e “Um pouco de história”, há uma reflexão particular que remete a descrição sobre a situação da população pobre no Brasil, tanto nos anos 40, quanto 80. Novamente o uso dos verbos, desta vez no pretérito imperfeito e no presente contínuo, indicam uma leitura dupla, que permite ao leitor entender que se trata de uma lembrança pertencente a uma mulher jovem, não mais criança, mas também a uma mulher madura, que muito já viveu e pôde perceber as consequências no “agora”. A última frase da passagem sustenta essa interpretação, principalmente pelo sentimento pessimista e o tom realista apresentados.

No capítulo, assim como nos anteriores, percebe-se uma série de questionamento de políticos, governos, comportamentos e decisões que evidenciam uma preocupação com condições sociais que ultrapassam a esfera pessoal, ainda que esta seja o caminho pela qual a autora escolhe falar sobre a problemática da desigualdade. Por exemplo, em “A revolução”, da perspectiva de uma pessoa nascida em Sacramento, a escritora questiona a priorização exclusiva dos governos em super-desenvolver as cidades, sem uma preocupação ou um olhar para o interior do país. Ainda que utilize de uma linguagem propositalmente infantil, para sempre lembrar quem também fala, a autora não deixa de situar o leitor em seu presente.

Portanto, ao refletir sobre seu passado, por meio de eventos históricos do Brasil, a autora traça um paralelo entre

o nível pessoal e público para sustentar seus comentários críticos sobre questões que a incomodavam quando criança e que persistem na vida adulta. É como se seu exemplo pessoal viesse sustentado por uma base histórica como forma de relacionar, situar e fundamentar sua experiência, para que ela não seja matéria de essencialismos nem de teorias meritocráticas. Neste ponto é onde mais se percebe, e se encaixa, a concepção de uma escrita de si como exemplo da prática de uma literatura menor.

A própria aplicação dessa teoria, por trazer o adjetivo “menor” se faz interessante em relação a *Diário de Bitita*, e a obra carolineana em geral, pelo fato de se tratar de um gênero, seja pela perspectiva de diário ou de autobiografia, que é considerado inferior (LEJEUNE, 2008) e que é comumente associado a escrita feminina, isto é, literaturas significativamente “menores”. Porém, de acordo com a teoria de desconstrução proposta por Guattari e Deleuze (2002), uma das três características de uma literatura tida como menor é justamente essa junção do universo particular com o público, o social, que existe aqui não só pela ligação da história de vida de Carolina Maria de Jesus com a História do Brasil, senão também pela publicação de um texto que em teoria seria privado. Não só isso, mas também o chamamento para a coletividade, ou “o agenciamento coletivo da enunciação” (2002, p.41 apud ROSA, 2016, p.4) nas palavras dos teóricos, também estão presentes na passagem e nos textos de *Diário*

*de Bitita*, na medida em que a escritora se posiciona claramente em relação as desigualdades de gênero, raça e classe brasileiras.

Por fim, a linguagem utilizada na passagem, bem como em todo livro destaca o que os estudiosos chamam de “des-territorialização da língua,” (GUATTARI; DELEUZE, 2002 apud ROSA, 2016, p.4) isto é, a tentativa de comunicação por meio de uma língua que subverte aquela da qual partiu. O português da escritora une a oralidade com a instrução eloquente adquirida nos livros, fazendo uso recorrente da ironia, em um claro esforço criativo (EVARISTO, 2020) que visava cavar um espaço físico e literário em um universo majoritariamente masculino, rico e branco. Com uma poética que vai além da mera reprodução estilística, CMJ cria uma linguagem e estética própria, sobretudo, pela subversão do estilo diário. É dizer, o diálogo constante e instável entre infância, juventude e vida adulta traçado no livro demonstra a originalidade da autora.

A dificuldade de precisar exatamente quem fala, quem lembra e quem questiona faz da leitura um jogo interessante de compreensão e análise e contribui na conscientização e crítica da manutenção da condição das minorias na sociedade brasileira. Neste sentido, Carolina Maria de Jesus usa de sua própria história e acaba por demonstrar que a

história pouco muda. *Diário de Bitita* é então uma (meta)-memória, mas uma memória tão atualizada que se torna presente: diário.

#### REFERÊNCIAS

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

DUSILEK, A. **A representação da metamemória no romance brasileiro: um olhar sobre Olho de Rei, de Edgard Telles Ribeiro, e Leite Derramado, de Chico Buarque**. 2013. 210 f. Tese (Doutoramento em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis da UNESP, 2013.

EVARISTO, Conceição; JESUS, Vera Eunice de. “Uma revolução chamada Carolina”. Youtube, 12 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9d-H6HoMn5E>>. Acesso em: 14/05/2020.

FERNANDEZ, R. A. "Vários 'Prólogos' para um Journal de Bitita/ Diário de Bitita ou Por que editar Carolina?". **Scripta**, Belo Horizonte, v.18, p.285-292, jul-dez 2014.

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". **Ditos e escritos**. Vol. V. Ética, sexualidade e política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

IONTA, M. "A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.19, n.1 (jan/abril), pp. 91-101, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *Revista USP*, São Paulo, n. 37, 1998.

MIRANDA, Fernanda R. Silêncios prescritos: Estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006). Rio de Janeiro: Malê, 2019.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

Literafro: o portal de literatura brasileira. "Carolina Maria de Jesus". Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 8/02/2020.

Ocupação Conceição Evaristo. "Escrevivência". Itaú Cultural. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>>. Acesso em: 25/01/2020.

PEREIRA, D. Q. "Diário de Bitita: a autobiografia ensaística de Carolina Maria de Jesus". **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.58, 2019.

PEREIRA, M. H. M.; Silva, J. B. "O gênero diário pessoal: Como se confecciona o íntimo". **Revista Línguas & Letras – Unioeste**, Cascavel, vol. 16, nº 34, pp. 264-285, 2015.

PIMENTEL, Carmen. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba: Abralín, 2011, p. 728-741.

ROSA, F. M. S. C. A literatura menor em Deleuze e Guattari: por uma educação menor. **Educação, Revista do Centro de Educação**, Universidade Federal de Santa Maria, vol. 41, núm. 3, 2016.

SILVA, S. S; Moreira, M. E. "Escritas de si e espaço biográfico - Revisão teórico-crítica". **Memento - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**, vol.7, nº 2 (jul-dez), pp. 1-19, 2016.

SOMMER, Doris. Resistant texts and incompetent readers. **Poetics Today**, v.15, n.4, p. 523-551, 1994.

YASSUDA, M. S. et al. "Meta-Memória e Auto-Eficácia: Um estudo de validação de instrumentos de pesquisa sobre memória e envelhecimento". *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n.18(1), pp.78-90, 2005.

*Recebido em: 15/02/2020*

*Aceito em: 16/06/2020*